

O QUINTAL COMO ESPAÇO DE TRADIÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE: ANÁLISE DAS PRÁTICAS CULTURAIS E DO LEGADO DO TERNO DO PREGO NAS CONGADAS DE CATALÃO- GOIÁS

Maria Idelma Vieira D'Abadia

Milena d' Ayala Valva

Jean Carlos Vieira Santos

Orlandina Soares da Silva Ramos

Wilcea Pacheco Geraldes

Resumo: Este artigo analisa o quintal do *Terno do Pregó* em Catalão, Goiás, como espaço fundamental de cultura, tradição e resistência. Objetiva compreender suas práticas culturais, simbologias e o papel das mulheres na preservação da congada. Utiliza métodos de observação participante, entrevistas informais e análise de eventos festivos, apoiando-se em autores como Martins (1997), Hall (2003), Santos (1985) e Tuan (1983). Os resultados evidenciam o quintal como espaço de memórias, transmissão de saberes ancestrais, práticas espirituais e fortalecimento identitário. Conclui que o espaço funciona como território de resistência cultural, no qual o protagonismo feminino garante a continuidade das tradições afro-brasileiras, reforçando a importância de políticas de valorização e preservação do patrimônio imaterial.

Palavras-chave: Congada. Cultura. Tradição. Quintal.

THE BACKYARD AS A SPACE OF TRADITION, CULTURE, AND IDENTITY: ANALYSIS OF CULTURAL PRACTICES AND THE LEGACY OF THE TERNO DO PREGO IN THE CONGADAS OF THE CITY OF CATALÃO - GOIÁS

Abstract: This article analyzes the backyard of *Terno do Pregó* in Catalão, Goiás, as a fundamental space for culture, tradition, and resistance. It aims to understand its cultural practices, symbolism, and the role of women in preserving the congada. It uses methods of participant observation, informal interviews, and analysis of festive events, drawing on authors such as Martins (1997), Hall (2003), Santos (1985), and Tuan (1983). The results highlight the backyard as a space for memories, transmission of ancestral knowledge, spiritual practices, and strengthening of identity. It concludes that the space functions as a territory of cultural resistance, where female protagonism ensures the continuity of Afro-Brazilian traditions, reinforcing the importance of policies for the appreciation and preservation of intangible heritage.

Keywords: Congada. Culture. Tradition. Backyard.

EL PATIO COMO ESPACIO DE TRADICIÓN, CULTURA E IDENTIDAD: ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS CULTURALES Y DEL LEGADO DEL TERNO DO PREGO EN LAS CONGADAS DE LA CIUDAD DE CATALÃO- GOIÁS

Resumen: Este artículo analiza el patio del *Terno do Pregó* en Catalão, Goiás, como espacio fundamental de cultura, tradición y resistencia. Su objetivo es comprender sus prácticas culturales, simbolismos y el papel de las mujeres en la preservación de la congada. Utiliza métodos de observación participante, entrevistas informales y análisis de eventos festivos, basándose en autores como Martins (1997), Hall (2003), Santos (1985) y Tuan (1983). Los resultados evidencian el patio como espacio de memorias, transmisión de conocimientos ancestrales, prácticas espirituales y fortalecimiento de la identidad. Concluye que el espacio funciona como territorio de resistencia cultural, donde el protagonismo femenino garantiza la continuidad de las tradiciones afrobrasileñas, reforzando la importancia de las políticas de valorización y preservación del patrimonio inmaterial.

Palabras-clave: Congada. Cultura. Tradición. Patio.



1. INTRODUÇÃO

A congada é uma manifestação cultural vinculada à tradição religiosa, na qual se entrelaçam elementos culturais e religiosos em uma mesma expressão. Esses elementos são relevantes porque evidenciam práticas e simbologias tanto do cristianismo quanto de matrizes africanas, que se articulam e se sustentam dentro dessa manifestação. Nesse sentido, os argumentos propostos neste artigo buscam explicitar a dimensão da cultura popular e da religião, conforme sugere Durkheim ao afirmar: “O que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas” (1989, p. 419). Assim, a discussão central procura abordar a importância da festa e seu papel como espaço agregador de expressões culturais e religiosas, tal como mantidas por um grupo de terno de congo, bem como as relações que se desenvolvem no espaço mediador da festa, o quintal da família Arruda.

O quintal que une as casas da família Arruda, localizado no bairro Mãe de Deus, em Catalão Goiás, foi objeto de estudo para compreender a relação dos moradores e membros do *Terno de Congo* com esse espaço. Este artigo procurou analisar o quintal, sede do *Terno do Prego*, como um espaço significativo de cultura e tradição, destacando suas práticas e simbolismos. Sobre o sentido de tradicional, Leda Martins (1997) destaca que tradicional é o que se mantém, o que permanece, e tem como característica a sua capacidade de ser adaptado, ressignificando as necessidades dos sujeitos que o vivem. Nesta linha de pensamento, a tradição não pode ser considerada apenas como as formas e procedimentos nos quais certos grupos expressam sua cultura. O saudosismo relativo às tradições da cultura popular pode anunciar formas e procedimentos peculiares de determinados grupos, contudo, o mesmo não poderia ser aplicado à noção de tradição, uma vez que a noção de cultura

tradicional carece do entendimento de seus processos de transformação. Já Hall (2003, p. 142), escreve que a cultura se define como:

[...] os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados.

A pesquisa foi realizada durante a 148º Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário, em Catalão na região sudeste do estado de Goiás. A festa é organizada pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário há mais de um século, geralmente no segundo domingo do mês de outubro, e constitui-se em um dos momentos bastante significativos para a manifestação da congada na cidade de Catalão, que acontece desde 1876.

Catalão é uma cidade localizada ao sul do estado de Goiás e como lembra Brandão (1985), mais próxima das três grandes cidades do Triângulo Mineiro (Araguari, Uberaba e Uberlândia), do que da capital do estado, Goiânia. Com uma economia pujante, impulsionada atualmente pela mineração, agropecuária e indústria automotiva, convive com a tradição e a modernidade em diferentes escalas e dimensões.

As metodologias empregadas para composição desse artigo incluíram pesquisa bibliográfica e virtual, observação e entrevistas informais com membros do *Terno do Prego*. As visitas ao quintal permitiram a observação das interações entre os participantes, familiares e convidados, proporcionando uma compreensão das práticas culturais e tradições associadas ao grupo. Além disso, acompanhou-se o desfile de mais de 30 ternos pelas ruas de Catalão, incluindo os eventos como o levantamento do mastro com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, missa das congadas, procissão e entrega da coroa numa

estrutura montada no Largo do Rosário, onde está localizada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

A análise manteve o foco em compreender como o quintal da família Arruda serviu, desde a sua ocupação, como espaço significativo de cultura e tradição, destacando a sua importância para a comunidade local. A observação das interações e a participação nos eventos permitiram identificar as práticas culturais e tradições associadas ao *Terno do Prego*, bem como avaliar a influência do quintal na promoção de eventos culturais e na valorização do patrimônio local.

Os *Ternos de Congos* de acordo com Brandão (1985), representam a menor unidade ritual da congada. Eles são formados com um sistema hierarquizado e contam com um capitão, suplentes soldados, conhecidos como “brincadores”, e alguns auxiliares que exercem funções complementares. No dia da festa, o estandarte do terno é carregado por um grupo de moças e meninas, as “bandeirinhas” que ocupam a frente do terno. Em Catalão já existiram mais de 80 ternos, atualmente na cidade apresentam 25 ternos de congada. Ao longo do ano, os ensaios acontecem em diferentes espaços. O *Terno do Prego*, se reúne no quintal, desde a década de 1960, à sombra das mangueiras em um espaço intraurbano generoso, situado na Rua José Saturnino de Castro, que outrora era denominada de Rua dos Pretos e posteriormente Rua das Bananeiras.

O campo teórico utilizado nesse ensaio perpassou pelos estudos do conceito de práticas culturais, tradições e espaço. O conceito de espaço muitas vezes se entrelaça com o lugar. Conforme argumenta o autor, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983). Nesse sentido, as congadas, enquanto manifestação cultural e religiosa, exemplificam essa transformação. Este festejo é caracterizado pelo encontro entre pessoas, música, dança e fé,

elementos que conferem significado ao espaço do quintal, transformando-o em um lugar de convivência. Sobre a perspectiva experiencial, Tuan (1983) diz que a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. À sombra de mangueiras quase centenárias, realizam-se os ensaios, momentos de encontro e transmissão de saberes, nos quais os membros mais jovens aprendem com os mais experientes a batida original dos tambores. Essas práticas, seja na marcha compassada ou no ritmado rojão, garantem o reconhecimento do som que ecoa pelas ruas e perpetuam a tradição cultural das congadas.

Para o geógrafo Milton Santos (1985), espaço é uma instância da sociedade que abarca os aspectos econômicos, político-institucionais e cultural-ideológicos, o que significa que cada um dos aspectos contém o espaço e é contido por ele. Nesse sentido, o autor afirma:

Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a passagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de

uma sociedade em um dado momento. (Santos, 1985, p. 35).

Portanto, o espaço destinado às ações do terno é compreendido como um espaço de vivência, no qual se refletem a sociedade, seu destino e suas dinâmicas de representação.

2. QUINTAL: O LUGAR E ESPAÇO DE SABERES, RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A comunidade do *Terno de Congo do Prego*, cuja criação remete ao ano de 1961, é constituída por devotos de Nossa Senhora do Rosário, cuja maioria dos seus componentes são da família Arruda, descendentes do primeiro Capitão Geraldo Arruda. O quintal localizado na área urbana de Catalão, mantém a tradição e os aspectos típicos de um ambiente rural, onde seus moradores tiveram origem. Esse espaço, que abriga os dançadores e tocadores de caixa está situado no bairro Mãe de Deus, próximo à Praça das Mães e da Matriz Nossa Senhora Mãe de Deus. A entrada que dá acesso ao quintal é discreta, estreita, e de fora não é possível ter ideia do amplo espaço que abriga atividades tão significativas. É quase um espaço invisível ao olhos apressados do visitante.

Debaixo dessa mangueira, vou fazer uma profecia! Não há nada nesse mundo, que separe essa família! (Verso cantado pelo Capitão Lucas Arruda, Festa Nossa Senhora do Rosário, Catalão/GO, 2024)

A composição das cinco casas que margeiam o quintal, a horta com ervas medicinais e outra com ervas aromáticas usadas como temperos, a extensão da cozinha para abrigar o fogão a lenha, o rancho fabricado para servir os almoços festivos, o barracão para acomodar os tambores e até os bancos de toco de árvore improvisados compõe a paisagem daquele lugar.

A comunidade do *Terno do Prego*, reunida naquele quintal, apresentou-se a nós como um grupo constituído por pessoas que se consideraram todas

"parentes". De acordo com os relatos dos moradores, "aqui, tudo é parente", evidenciando os vínculos de parentesco e laços sociais existentes entre eles. Nesta comunidade, os laços de parentesco são construídos de forma que extrapolam as noções antropológicas tradicionais de consanguinidade e aliança, indo além do compadrio (parentesco ritual). Vizinhos e "primos distantes", incluindo aqueles casados com algum dos membros da família, acabam sendo agregados e unidos por laços que poderíamos chamar de parentesco por adoção ou pertencimento territorial (Evans-Pritchard, 1978, *apud* Barcelos,*et al*, 2004, p. 210). Assim, há uma lógica que orienta as definições de "o que é ser parente", "ser da gente de alguém" e, principalmente, "ser do terno".

Uma das pessoas entrevistadas, Marilda de Sousa Arruda, afilhada de dona Julieta Arruda e de Geraldo Arruda, lembra que o espaço era conhecido em sua infância como o "quintal da Vó Julieta". Segundo Marilda, até mesmo aqueles sem qualquer filiação chamavam dona Julieta de "Vó". Foi nesse lugar que vivenciou experiências e conheceu a história de seus antepassados. Ao resgatar memórias de sua infância, Marilda relembra com carinho o sabor do bolo de mandioca – conhecido como o famoso "mané pelado" – e do biscoito de goma, servidos com chá de poejo colhido na horta. À sombra das frondosas mangueiras, brincavam de casinha, cinco Marias, preparavam suas "comidinhas" nos fogareiros improvisados e se fartavam com a safra de mangas. Esse quintal conciliava e ainda concilia momentos de interação social e promoção da cultura, em especial os preparativos para os dez dias que precedem a festa em honra a Nossa Senhora do Rosário.

O quintal, ponto de convergência entre residências, era um espaço coletivo onde os moradores se reuniam para discutir suas relações e abordar problemas em busca de soluções conjuntas. As reuniões eram frequentes, deixando marcas afetivas nas memórias de todos que partilhavam aquele espaço. Nas datas comemorativas do calendário nacional, as reuniões aconteciam à sombra

das mangueiras. As crianças brincavam e dançavam sob os olhares atentos dos mais velhos, enquanto as mulheres preparavam quitandas, que eram cuidadosamente armazenadas em latas para serem consumidas ao longo da temporada. Festas de Natal, Carnaval ou até mesmo a comemoração do aniversário natalício de algum familiar movimentavam o quintal que era preparado, ornamentado para receber aqueles que se sentiam acolhidos pela família Arruda.

As festas desempenham um papel crucial nas sociedades humanas, funcionando como fenômenos sociais e meios de comunicação. Conforme apontado por diversos estudiosos (Leach, 1972; Lévi-Strauss, 1976; Da Matta, 1978; Brandão, 1973, 1985 e outros):

A festa não só é um fenômeno social, como constitui, simultaneamente, um fundamento de comunicação, uma das expressões mais completas e 'perfeitas' das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade (Amaral, 2001, p. 15).

Essa perspectiva ressalta as festas como espaços simbólicos nos quais as estruturas sociais e os valores utópicos são projetados e experimentados. Além disso, as festas mediam os anseios individuais e coletivos, conciliando mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, e presente e futuro. Elas também promovem encontros culturais, transformando contradições em pontes entre opositos que, à primeira vista, parecem inconciliáveis (Amaral, 2001).

O convívio naquele quintal e na comunidade possibilitou a preservação das memórias e dos laços com o passado, fortalecendo os vínculos com seus conterrâneos. A dinâmica do quintal também propiciou a formação de novas famílias. Mesmo com a incorporação de pessoas de fora, os entrecruzamentos

familiares são reconhecidos, e a comunidade reforça que, no *Terno do Prego*, “todos são parentes”.

O crescimento do terno e a integração de novos membros reafirmam suas tradições anualmente, em especial durante os preparativos para a Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário. Essa dinâmica foi evidenciada durante nossa visita ao quintal, no momento da refeição coletiva, cujo cardápio incluiu pratos típicos do sudeste goiano, como tutu de feijão, arroz com galinha e pelotinhas de carne – uma iguaria tradicional do tempo de dona Julieta. Segundo relatos, o cardápio é preparado a partir das doações voluntárias feitas pelos congadeiros, dançadores e familiares. A reunião de mulheres em volta das enormes panelas acontece dias antes para garantir que tudo esteja preparado e pronto para aguardar a chegada do terno no quintal. Alguns pratos sofreram modificações ao longo do tempo devido a condições diversas, entretanto, o macarrão ao molho de tomate e as pelotinhas de carne permanecem como símbolo da tradição dos almoços do *Terno do Prego*.

Em outro depoimento ouvimos Lucas Arruda, filho de Egio Arruda e Aparecida Gomes Arruda, um dos membros do terno e que ocupa o cargo de capitão. A lembrança do quintal e das mangueiras é descrita por Lucas como carregada de afeto e dos laços que conectam as pessoas que construíram e continuam a construir a história da grande família do *Terno do Prego*. A experiência está intrinsecamente ligada à capacidade de aprender a partir da própria vivência (Tuan, 1983). No caso de Lucas, ele afirma que “nasceu na congada” e participa dela desde os dois anos de idade. Ainda criança, foi nomeado capitão-mirim no *Terno do Prego*, reforçando os laços entre identidade pessoal e tradição coletiva. Mesmo morando a cerca de 9.000 quilômetros de distância, faz questão de viajar em outubro para Catalão, preservando essa tradição que atravessa gerações. Seu pai o senhor Egio Arruda vem de uma família de 10 irmãos, sendo 5 homens e 5 mulheres. O primogênito do casal Julieta e Geraldo “Prego”, Elzon Arruda, com 83 anos, herdou o bastão de capitão do pai, quando

este já não tinha plena saúde para acompanhar o terno pelas ruas de Catalão, assumindo, desde então, a posição de primeiro capitão. O senhor Elzon foi quem concedeu o primeiro bastão de capitão a Lucas Arruda aos 8 anos de idade e quem vislumbrou a habilidade de compor músicas em tempo real, contextualizadas e ritmadas, além de ensinar os aspectos de liderança que impactaram positivamente na vida pessoal e profissional.

Em meio aos preparativos e arranjos para que o terno saia para as ruas e cumpra os rituais, ouvimos relatos sobre o sentimento de pertencimento e devoção que os impulsionam a participar da festa em honra a Nossa Senhora do Rosário. Del Priore (1994), aponta que o agradecimento por milagres recebidos é uma das primeiras inserções feitas pelo povo na festa. Tal como a festa, o milagre tinha características ao mesmo tempo sagradas e seculares (agradecia-se aos santos pelos milagres recebidos como colheitas ricas, a saúde recuperada de algum animal, curas pessoais, recuperação de objetos perdidos e outras resoluções de problemas mais cotidianos que espirituais), e é esta convivência dos dois aspectos que lhe dá sentido, na perspectiva das pessoas que participam dela, tornando-se uma espécie de “remate” das diferentes expectativas em jogo durante a festa.

O milagre tem função sacralizadora atuando como perenizador da festa nos quadros mentais. A festa passa a distinguir-se por ter sido ‘de tal ou qual’ milagre (Del Priore, 1994 *apud* Amaral, 2001, p. 16).

Egio Arruda relatou um trecho da história da formação do terno:

Éramos crianças quando nossa mãe, Julieta da Silva Arruda, plantou alguns pés de manga no quintal de nossa casa. Com o tempo, as árvores começaram a dar frutos, o que era uma alegria danada para a família. Nossa avó paterna era uma grande devota de Nossa Senhora do Rosário e, desde o nascimento de nosso pai, Geraldo Prego, ela o entregou à santa, pedindo que intercedesse para que ele dançasse congo em louvor a Nossa Senhora do Rosário enquanto vida ele tivesse. Com o passar do tempo, nosso pai formou o nosso terno (*Terno do Prego*) e teve a ideia de utilizar as sombras

das mangueiras plantadas por nossa mãe para os ensaios e eventos do *Terno do Prego*, que se tornaram a sede oficial do terno.

Aos doze anos Geraldo Arruda, então dançador do *Terno de Inácio Furtado*, e que posteriormente passou a sair na caminhada com o *Terno do senhor Antonin Adão*, cumprindo com o voto feito por sua mãe. Em meados do ano de 1961 formou o terno com o nome em que ficou conhecido na região de Catalão: *Terno do Prego*, em referencia ao seu apelido, já que era mais conhecido como Geraldo “Prego” (Blog *Terno do Prego*, 2025). Utilizando as sombras das mangueiras plantadas por dona Julieta, os ensaios e eventos do terno acontecem ali na Rua Saturnino de Castro. Aqui, em concordância com as reflexões de Rita Amaral (2001), apoiada nos escritos de Del Priore (1994), nas festas as trocas culturais, sob suas diversas faces, acontecem em diferentes sentidos. Aparecem na arte, na estética, na música, na religião, estendendo as relações facilitadas pelo contato na festa, em que os aspectos mais fortes das culturas parecem surgir de modo mais denso e o mútuo conhecimento permite a apreensão e escolha de novos modos de viver, de casar, de educar crianças, novos padrões de famílias etc., já não completamente vinculados a um único modelo.

Perguntaram quem eu sou, sou o *Terno do Prego*, bato caixa, danço congo, minha sina eu não nego! (Canto ritmado Festa Nossa Senhora do Rosário, Catalão/GO, 2024).

O *Terno do Prego* prima por manter viva a tradição em todos os aspectos, desde a recepção dos dançadores, batedores de caixa, bandeirinhas como mantem um código de conduta entre os membros onde defendem como princípios a disciplina, a devoção, tradição e união (Código de Conduta *Terno do Prego*). No estandarte da bandeira e uniforme dos congadeiros, está presente o brasão composto por um cálice, uma espada, uma folha e a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Segundo a narrativa do senhor Egio Arruda:

O coração de Jesus dentro do cálice representa a eucaristia, para lembrar a morte e ressurreição de Jesus. A espada representa São Miguel Arcanjo, guardião celeste, príncipe e guerreiro que defende o trono celestial e o povo de Deus. A folha verde remete às matas, símbolo fundamental da cultura africana, representando a conexão entre o mundo material (raízes com a terra) e o campo espiritual (folhas com o ar). (Egio Arruda/out.2024).

O quintal é palco para a reprodução de conhecimentos, onde cantam, dançam e batem a caixa revivendo as memórias de seus antepassados. Ali, estão as coisas comuns do cotidiano, compartilham da mesma devoção e fraternidade, oferecem apoio e suporte para que a festa seja vivenciada em todas as suas nuances. Ser da família do *Terno do Prego* é pertencer ao lugar, reforçando os laços entre identidade pessoal e tradição coletiva.

3. PARA ALÉM DA FESTA: O QUINTAL DO *TERNO DO PREGO* COMO TERRITÓRIO CULTURAL COMUNITÁRIO

A cidade de Catalão tem pouco mais de 100 mil habitantes. Algumas figuras ilustres nasceram em Catalão, como é o caso do cantor Amado Batista, conhecido nacionalmente e da artista plástica Goiandira de Couto, conhecida pelo seu trabalho com areias da Serra Dourada na antiga capital do estado. Catalão é um berço cultural que abriga cineastas, dramaturgos e uma diversidade de talentos, embora nem sempre tão reconhecidos na mídia nacional. Por tudo isso, a cidade é carinhosamente chamada de "Atenas de Goiás" no meio jornalístico, pela riqueza e longevidade de sua produção cultural conforme artigo da jornalista Bárbara Noleto em reportagem que reúne entrevistas de vários historiadores goianos sobre a cidade de Catalão (Jornal Opção, 28 abr. 2024). O texto jornalístico destaca o depoimento do historiador Eliezer Cardoso, que lembra que esse título é reivindicado por mais outras duas cidades em Goiás: Morrinhos e Cidade de Goiás, para ele, é “uma expressão que circulava na época e que alguns lugares acabaram se apropriando, para

mostrarem que tinham um desenvolvimento cultural acima da média" (Jornal Opção, 28 abr. 2024).

Catalão está ganhando cada vez mais destaque no turismo nacional. É um significativo destino para explorar história, cultura e negócios. Se destaca tanto pelo seu desenvolvimento econômico quanto pelas suas tradições culturais. Com uma economia expressiva, especialmente na área de mineração e indústria, a cidade atrai muitos visitantes para negócios.

A cidade é uma importante referência goiana em termos de história e cultura, e essa referência se destaca principalmente pelas práticas religiosas típicas da região. É o caso, por exemplo, da Festa da Virgem do Rosário. A celebração atrai milhares de fiéis e turistas, além de movimentar o comércio e valorizar a cultura da cidade. De acordo com a Assembleia Legislativa de Goiás (ALEGO), para oficializar a importância do evento, o deputado Jamil Calife (Progressista) sugere declará-lo como patrimônio cultural e imaterial goiano. A ideia tramitou na ALEGO como projeto nº 11443/24, o qual prevê, ainda, a inclusão no Calendário Cívico, Cultural e Turístico do Estado. Após os trâmites legais, foi aprovada a Lei nº 23.176, em 27 de dezembro de 2024. A referida lei, decreta que a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada anualmente em Catalão, fica incluída no calendário cívico, cultural e turístico do Estado de Goiás.

A Festa do Rosário foi criada por descendentes de pessoas africanas escravizadas que, para homenagear a santa, praticam rituais de dança, canto e música com instrumentos de percussão. A confecção dos objetos, feita pelos membros dos 25 ternos (grupos) das congadas, envolve saberes tradicionais. Ocorrem também missas, procissões e novenas, além de uma feira nas proximidades do Largo do Rosário, que é uma centralidade importante na cidade.

A congada em Catalão, além de uma expressão religiosa e cultural, destaca-se também como um importante campo de participação feminina. Essa

tradição, que, ressalta-se, remonta ao período colonial, atua como um testemunho das resistências e da ressignificação das memórias afrodescendentes em territórios rurais e urbanos brasileiros. A respeito das congadas, Carvalho e Ramos (2023, p. 01) dizem que:

A Congada é um rito milenar originado na África e introduzido no Brasil com a chegada dos primeiros escravos, tende como finalidade manter suas tradições. Ela homenageia seus antepassados, seus reis, suas divindades e seus anciões. Aos poucos foram inseridas santidades com o objetivo de que o rito fosse aceito pela Igreja Católica.

Na esfera das congadas, existem os ternos, que são grupos que participam das festividades, cada um com sua própria identidade e características distintas. Cada terno é composto por diferentes papéis, como é o caso dos congos, que são os dançarinos, além de outros membros que desempenham outras funções, como, por exemplo, os alferes, que são soldados que puxam as filas. De acordo com Carvalho e Ramos (2023), os ternos são uma forma de expressão cultural e comunitária, em que a união e a irmandade são fundamentais para manter viva a tradição da congada.

No contexto do *Terno do Prego*, o quintal desempenha um papel de grande relevância na organização das práticas culturais, e é mais do que um espaço físico: é um lugar de encontro, preservação de tradições e, acima de tudo, fortalecimento da identidade comunitária.

Não se pode deixar de considerar que o quintal é frequentemente negligenciado nas abordagens mais amplas das práticas culturais; mesmo assim, ele assume um significado profundo no contexto da congada. No entendimento de Costa (2010), os quintais são vistos como *lócus* de memória coletiva, espaços onde a oralidade, os rituais e os saberes ancestrais dialogam como forma de resistir ao tempo e, com isso, garantir a preservação de suas tradições. Em Catalão, essa resistência não se manifesta somente na continuidade da festa religiosa: ela rompe barreiras e atinge o cultivo de espaços que, como o quintal do *Terno*

do Prego, integram a dimensão cultural, religiosa e medicinal da comunidade congadeira catalana.

A visita a esse quintal trouxe como um de seus principais pontos a observação das plantas que lá são cultivadas, tendo em vista que essas plantas também desempenham um papel consideravelmente relevante na preservação dos saberes culturais. As principais espécies observadas (a saber, o guaco, a bananeira, o abacateiro, cujo chá da semente ajuda a curar dor nos rins, a laranja, cujo chá da folha atua no combate à gripe, doença que também é combatida pelo favacão, e a romã, que auxilia no gargarejo), não são somente parte do paisagismo, mas também são empregadas em práticas de cura que unem conhecimentos ancestrais e crenças religiosas.

No centro dessa combinação está, segundo os próprios membros do terno, a necessidade de acreditar que essas práticas possuem efeito, que vão contribuir para a saúde de quem delas se beneficia. Ou seja, além do preparo desses remédios naturais, considera-se que acreditar na cura é fundamental, pois o pensamento tem muita influência. Clemente (2020) corrobora com essa ideia ao afirmar que a crença no poder curativo das plantas não é somente uma prática de sobrevivência, mas também um ato de resistência cultural.

O quintal, na cultura popular brasileira, especialmente em manifestações de matriz africana e afro-brasileira, carrega significados que vão além do ambiente físico. Configura-se como um espaço de pertencimento, onde as tradições se renovam, as simbologias são vivenciadas e os saberes ancestrais são repassados (uma tarefa que, como será visto no próximo tópico, é majoritariamente realizada pelas mulheres).

O quintal do *Terno do Prego* é um espaço onde a espiritualidade, a fé e os conhecimentos a respeito da natureza se integram. Para Pereira e Almeida (2011), os quintais são elementos essenciais a vida. No caso aqui exposto, as dinâmicas da vida presente no quintal do *Terno do Prego* promovem práticas

que remontam a saberes africanos que foram trazidos ao Brasil durante o período da escravatura. Nesse cenário, o quintal atua como um espaço de conexão entre os membros e suas raízes. Acredita-se, por exemplo, que a energia do quintal está diretamente relacionada ao bem-estar físico e emocional das pessoas. As plantas que são cultivadas nesses espaços não são vistas somente como remédios, mas também como elementos repletos de força ancestral.

4. O PAPEL DA MULHER NA CONGADA

Historicamente, as mulheres nas congadas assumem papéis de grande complexidade e relevância, seja na dimensão organizacional ou na questão simbólica. Nesse interim, Clemente (2019) entende que o protagonismo feminino atua na manutenção da congada como um lugar de empoderamento das mulheres. Mesmo que muitas vezes não ocupem posições de liderança formal, como, por exemplo, capitã, as mulheres exercem uma liderança implícita, trabalhando, por exemplo, na organização de eventos, tais como novenas e festas, e na transmissão de conhecimentos culturais e espirituais às novas gerações.

Um estudo realizado por Resende e Silva (2023) reforça essa perspectiva ao relatar a importância do matriarcado como uma forma de liderança simbólica, de empoderamento dentro dos ternos. No caso específico do *Terno do Prego*, quando se considera que as plantas mencionadas anteriormente não atuam apenas medicinalmente, mas também espiritualmente, como parte dos rituais de cura, é importante entender que as mulheres (mães, avós, madrinhas, comadres, esposas, tias) são responsáveis por transmitir esses conhecimentos às demais gerações. Ou seja, elas desempenham um papel que muitas vezes é invisibilizado, mas que contribui sobremaneira para a manutenção das

crenças. Elas são, portanto, guardiãs da saúde física e espiritual da comunidade e dos saberes ancestrais.

Assim, uma das funções mais importantes das mulheres no quintal é a transmissão de saberes. As mães, avós e tias ensinam não apenas os usos medicinais das plantas, mas também os cânticos, as danças e os rituais que fazem parte da Congada. Essa transmissão é realizada de forma oral e prática, garantindo que as novas gerações compreendam a profundidade cultural e espiritual das tradições que herdaram. Clemente (2019) aponta que a mulher congadeira, ao ensinar, reforça o vínculo entre o passado e o presente, assegurando que a memória cultural permaneça viva.

A dimensão espiritual do protagonismo feminino é um fenômeno que merece destaque. Clemente (2019) observa que as mulheres congadeiras frequentemente assumem a responsabilidade pelas rezas (algo que, vale ressaltar, ocorre não apenas nas congadas, mas na maioria das tradições religiosas), pela organização das procissões e pelos cuidados com os trajes e instrumentos usados nos rituais. Esses cuidados são uma extensão de suas responsabilidades domésticas e comunitárias, mas também refletem seu papel fundamental como guardiãs e preservadoras das tradições culturais.

De acordo com a pesquisa etnográfica conduzida por Ribeiro (2022) na região de Catalão, o cuidado com o quintal do *Terno do Prego* é um trabalho majoritariamente feminino. Esse fator se relaciona diretamente à visão das mulheres como seres portadores de saberes ligados às práticas curativas e às tradições espirituais. O trabalho com as plantas medicinais é transmitido oralmente por gerações e sua prática envolve rituais específicos que unem elementos como rezas, cantos e práticas ligadas à fertilidade da terra.

A folha de guaco, por exemplo, quando é usada pela comunidade, é preparada tendo como pano de fundo a proclamação de uma oração específica dirigida a São Benedito e aos antepassados que trouxeram os conhecimentos sobre a

planta. A crença na cura é, como dito anteriormente, direcionada como um fator indispensável nesse processo, pois entende-se que a fé é ainda mais importante que o remédio em si, conforme relatado por uma das matriarcas da comunidade estudada por Ribeiro (2022). A relação entre a mulher e o quintal não é, portanto, apenas utilitária; atinge, sobretudo, uma face simbólica e formadora de identidade.

Nesse espaço, as mulheres lideram rituais de cura que envolvem defumações com folhas de guaco, favacão e romã, e o uso de suas propriedades metafísicas é visto como imprescindível. A romã, por exemplo, é usada frequentemente em gargarejos que mais do que aliviar problemas na garganta, simbolizam a voz daqueles que buscam expressar fé e devoção. A fertilidade do quintal está ligada diretamente à devoção dos integrantes do *Terno do Prego*, sendo que o cuidado com as plantas é também a perpetuação dos valores que a congada busca preservar.

Ribeiro (2022) descreve ainda que a simbologia de plantas como a bananeira também ressoa na dimensão espiritual da congada. As folhas da bananeira são bastante usadas em enfeites ou como elementos durante as festas realizadas no quintal. Da mesma forma, o abacateiro e suas sementes, embora tratados como elementos medicinais, também possuem potenciais rituais que remetem ao cuidado com os corpos e com o espaço coletivo. Essas práticas demonstram que o quintal, enquanto espaço de significação, se sobrepõe à ideia de um simples lugar físico, funcionando como um ponto de ancoragem das memórias culturais e religiosas.

Não se pode ignorar que o papel central desempenhado pelas mulheres no *Terno do Prego* também possui um caráter emancipatório e subversivo em relação às construções hierárquicas das sociedades locais. Em muitos contextos culturais, o protagonismo feminino na liderança de grupos religiosos populares é invisibilizado ou rejeitado. No entanto, no caso da congada em

Catalão, há uma aceitação e valorização crescente desse protagonismo, como relatado por Ribeiro (2022). Isso reflete uma resistência ativa das mulheres em manterem suas tradições mesmo diante de forças externas de desvalorização ou esquecimento.

A resistência das mulheres congadeiras também se manifesta pela forma como elas se posicionam como guardiãs de seus saberes e territórios culturais, incluindo o quintal. Ribeiro (2022) identifica as congadeiras como agentes políticas nas interações comunitárias, utilizando sua experiência e o poder simbólico da fé para se firmarem como autoridades morais e espirituais em muitas das celebrações e no cotidiano da congada. Isso reforça o poder feminino em um espaço cultural que muitas vezes é erroneamente percebido como masculinizado.

A liderança feminina dentro dos ternos da congada é um reflexo da força política e social dessas mulheres. Apesar de enfrentarem barreiras culturais e estruturais que muitas vezes limitam sua atuação, elas se destacam como guardiãs e promotoras da identidade cultural. Como aponta Clemente (2019), as mulheres congadeiras não apenas ocupam o espaço cultural, mas transformam-no em um palco de resistência e afirmação. Essa afirmação é evidenciada no cuidado com os detalhes da festa, como a escolha das músicas e danças, que frequentemente carregam mensagens de fé, esperança e luta contra as adversidades.

O quintal não é apenas um espaço de cultivo, mas também um lugar de encontros e diálogos comunitários. Nele, as mulheres promovem reuniões para planejar as festividades, discutir questões relacionadas à congada e transmitir ensinamentos para as novas gerações. Esse ambiente, que poderia ser visto como um espaço doméstico, transforma-se em um local de protagonismo feminino e articulação cultural. Resende e Silva (2023) observam que os

quintais das congadas funcionam como verdadeiros laboratórios culturais, onde a troca de experiências fortalece os laços comunitários e a identidade coletiva.

A prática de reunir mulheres no quintal reflete uma estratégia de resistência às dinâmicas de exclusão que muitas vezes relegam as mulheres a papéis secundários nos espaços públicos. No *Terno do Prego*, o quintal é um espaço onde elas exercem influência direta sobre os rumos da congada, fortalecendo sua participação em uma estrutura cultural historicamente dominada por homens. O matriarcado simbólico, presente nas práticas do quintal, reafirma a importância das mulheres como líderes naturais dentro desse contexto.

As mulheres utilizam o quintal como um espaço de reflexão e renovação religiosa, onde os membros da comunidade podem buscar apoio em momentos de dificuldade. As plantas cultivadas ali não são apenas recursos terapêuticos, também simbolizam proteção e purificação. A folha de guaco, por exemplo, é usada em chás para tratar doenças respiratórias, mas também é queimada em defumações para afastar energias negativas, unindo cuidado corporal e dimensão simbólica em uma mesma prática.

Entretanto, uma reflexão que não pode estar ausente quando se trata desse assunto é o fato de que, embora desempenhem papéis centrais, as contribuições das mulheres no quintal muitas vezes permanecem invisíveis ou subvalorizadas. Essa invisibilidade é um reflexo das dinâmicas de gênero que ainda permeiam muitas estruturas culturais. No entanto, o trabalho das mulheres no *Terno do Prego* é essencial para a manutenção e revitalização da congada. Sem elas, o quintal perderia sua função de espaço integrador, e as práticas culturais poderiam se enfraquecer. Clemente (2019) afirma que a presença feminina é o alicerce que mantém viva a essência da congada, mesmo em face das transformações urbanas e culturais.

As mulheres do quintal do *Terno do Congo*, além de contribuírem para a manutenção da comunidade, transformam esse espaço em um lugar de

resistência e renovação. Sua atuação, muitas vezes silenciosa, constitui a base sobre a qual a congada se sustenta e se perpetua. Essa contribuição, contudo, precisa ser reconhecida e valorizada como parte essencial do patrimônio cultural de Catalão, pois, em um contexto em que as tradições enfrentam desafios cada vez maiores, o papel feminino no quintal se afirma como força vital para a continuidade da congada e para a preservação da identidade afrodescendente da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou explorar a riqueza cultural e social representada pelo quintal do *Terno do Prego* na cidade de Catalão, Goiás. Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que o quintal transcende sua materialidade, configurando-se como um espaço de memória, tradição e pertencimento comunitário. Ele serve como *lócus* de práticas culturais, transmissão de saberes ancestrais e fortalecimento dos vínculos identitários que unem os integrantes do grupo analisado, reforçando seu papel central na preservação de práticas culturais materiais e imateriais para a comunidade congadeira de Catalão.

As práticas realizadas nesse espaço revelam a importância da interseção entre cultura, religiosidade e coletividade, características que marcam a congada como uma manifestação viva e dinâmica. O quintal torna-se não apenas um lugar de encontros, mas também de resistência, onde valores afrodescendentes são preservados e ressignificados. Essa resistência se expressa tanto na continuidade das tradições quanto na integração de novos membros e elementos ao longo do tempo, reafirmando a vitalidade da manifestação.

Dessa maneira, o artigo demonstra que a congada, no âmbito do *Terno do Prego*, configura-se como um campo privilegiado para observar as interfaces e

tensões entre cultura popular e religião. As práticas analisadas evidenciam que saberes tradicionais, relações de pertencimento e formas de organização comunitária articulam-se de modo indissociável à devoção a Nossa Senhora do Rosário, produzindo uma religiosidade que se manifesta no cotidiano. Ao explicitar esses entrelaçamentos, o estudo reafirma que as fronteiras entre o cultural e o religioso são permeáveis e continuamente reelaboradas pelos sujeitos, permitindo compreender a congada como uma tradição sustentada justamente por essa articulação dinâmica entre experiência espiritual e práticas sociais.

Além disso, o protagonismo das mulheres foi identificado como um elemento central na manutenção e organização das práticas do *Terno do Pregó*. Elas desempenham funções que vão desde a transmissão de saberes até a liderança em atividades espirituais e comunitárias, contribuindo para a preservação da essência cultural e religiosa da congada.

Ao abordar o quintal como um espaço que sintetiza elementos históricos, sociais e simbólicos, este artigo contribui para o reconhecimento e a valorização das práticas culturais afro-brasileiras. Entender sua importância não apenas como um espaço físico, mas como um território simbólico de conexão com raízes ancestrais, reforça a necessidade de políticas de preservação e valorização da cultura local. Assim, espera-se que este texto amplie o entendimento sobre a relevância dos espaços cotidianos na manutenção de tradições culturais, destacando a urgência de políticas públicas que valorizem e protejam esses lugares de memória e resistência.

A continuidade dessas práticas depende, em grande medida, do reconhecimento e da valorização do papel das comunidades e, em especial, das mulheres, que atuam como pilares da preservação cultural e garantem que as gerações futuras mantenham viva essa herança tão rica e significativa para a identidade local e nacional.

REFERÊNCIAS

ALEGO. Lei nº 23.176, de 27 de dezembro de 2024. Dispõe sobre o reconhecimento do bem que especifica como patrimônio cultural imaterial goiano. **Diário Oficial do Estado**, Goiás, 27 de dezembro de 2024. Disponível em <<https://sl1nk.com/uFwZL>>. Acesso em: 18 Out 2025.

ALMEIDA, Maria Geralda de; PEREIRA, Bruno Magnum. O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes. **Revista GeoNordeste**, n. 2, ano XXII, p. 47-64, 2011. Disponível em <<https://sl1nk.com/OPog5>> . Acesso em: 08 Jan. 2025.

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira:** sentidos do festejar no país que “não é sério”. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2001. eBook. Disponível em: <<https://l1nq.com/TT8f0>> . Acesso em 08 Jan.2025.

BARCELLOS, Margarida Macedo de; CHAGAS, Miriam de Fátima; FERNANDES, Mariana Balen; et al. **Comunidade negra de Morro Alto:** historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004. 484 p. ISBN 8570257392. Disponível em:<<https://sl1nk.com/9dkGR>>. Acesso em 08 Jan.2025.

BLOG TERNO DO PREGO. Disponivel em: <<https://sl1nk.com/FGvON>>. Acessso em 5 Out.2025

BRANDÃO, Carlos R. **O Divino, O Santo e A Senhora.** Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, (FUNARTE), 1973.

BRANDÃO, Carlos R. **Memória do Sagrado.** Estudos de religião e ritual. São Paulo, Paulinas, 1985.

CARVALHO, J.; RAMOS, W. **Uma abordagem sócio-antropológica para o turismo:** um estudo sobre a Congada. 2023. Disponível em: <<https://sl1nk.com/UWzXV>> Acesso em: 08 Jan. 2025.

CARVALHO, Cleber de Sousa. Práticas corporais na congada: permanências e transformações nas tradições da festa da Vila João Vaz, Goiânia – GO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 46, 2024. Disponível em: <<https://l1nq.com/tDPYe>> . Acesso em: 15 jan. 2025. DOI: 10.1590/rbce.46.e20240045.

CLEMENTE, Claudeir Corrêa. Mulher negra congadeira: engajamento cultural e ativismo negro para além das grandes metrópoles. **Crítica e Sociedade:** revista de cultura política, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 19-30, 2019. Disponível em: <<https://sl1nk.com/UQHji>>. Acesso em: 08 Jan. 2025.

COSTA, Carmem Lucia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade:** a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão - Goiás. (2010). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis — Para uma sociologia do**

dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. . São Paulo: Paulinas, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo, Nacional, 1976.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

NOLETO, Barbara. Catalão: de "herança de sangue" à "Atenas de Goiás". **Jornal Opção** (on-line), Goiânia, 28 abril 2024. Disponível em <<https://l1nq.com/VsNE0>> . Acesso em 18 Out. 2025.

RESENDE, Marilia Alves Ferreira de; SILVA, Franciele Correia Rodrigues. A representação feminina no movimento cultural da Congada: uma perspectiva por relatos orais.*In:VI Semana de História do Pontal e V Encontro de Ensino de História: Sociedade, Cultura, Patrimônio, 2018, Uberlândia. Anais*. Uberlândia: UFU, 2018. Disponível em : <https://sl1nk.com/s8Om0> Acesso em 08 jan. 2025.

RIBEIRO, Mara Angélica da Silva. **A Congada e a Festa do Rosário de Catalão durante a pandemia**: experimentações etnográficas entre o distanciamento social e o digital (2020-2021). 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <<https://l1nq.com/g1mtu>> Acesso em: 09 jan. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

SOBRE OS AUTORES:

Maria Idelma Vieira D'Abadia

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2010). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2002). Graduada em Geografia (licenciatura) pela Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (1990). Professora no curso de Geografia-UEG e no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Stricto-Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG).

E-mail: maria.dabadia@ueg.br

Milena d Ayala Valva

Arquiteta e Urbanista. Doutora em Projeto, Espaço e Cultura pela Universidade de São Paulo (FAU-USP, 2011). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG (2001). Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Stricto-Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG).

E-mail: milena.valva@ueg.br

Jean Carlos Vieira Santos

Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve (Portugal), Doutorado e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU/Brasil). Professor do Mestrado em Geografia da UEG Campus Cora Coralina (PPGEO/UEG), do Mestrado e Doutorado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG) e dos cursos de Graduação e Tecnologia da UEG Caldas Novas.

E-mail: svcjean@yahoo.com.br

Orlandina Soares da Silva Ramos

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (1999). Pós-graduada em Literatura Brasileira pela Universidade Salgado de Oliveira (2003). Atua como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica em Anápolis-GO. Mestranda no Programa de Pesquisa e Pós-graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás – PPGTECCER.

E-mail: orlandinassr59@gmail.com

Wilcea Pacheco Geraldes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Evangélica de Goiás (2005), Especialização em Letramento Informacional, Educação para a Informação pela FIC/UFG (2024). Professora da Rede Pública Municipal, Educação Básica. Discente do Programa de Pesquisa e Pós-graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás – PPGTECCER/ UEG.

E-mail: wilcea.geraldes@aluno.ueg.br

Artigo recebido em: 20 out. 2025. | **Artigo aprovado em:** 28 nov. 2025.